

A HISTÓRIA E MEMÓRIA DA GINÁSTICA OLÍMPICA EM BELÉM – PA: um olhar da história oral

Elis Priscila Aguiar da Silva¹

Carmen Lília da Cunha Faro – orientadora²

Resumo

O presente estudo, que apresenta uma abordagem histórica, é uma pesquisa de campo, pois foram realizadas entrevistas. A metodologia foi a história oral. Teve por objetivo geral, contar o início da Ginástica Olímpica na cidade de Belém- PA, e para isso precisou sistematizar quais foram os primeiros movimentos para implantação da ginástica olímpica - G.O em Belém-PA; mapear e identificar os precursores – atletas e professores - da Ginástica Olímpica em Belém-PA. Foram entrevistadas três pessoas, sendo elas um ex-professor da Escola Superior de Educação Física do Pará- ESEFPA, um ex- atleta da primeira equipe de ginástica e o primeiro técnico da modalidade no Estado. Através das fontes orais, do diálogo desses com jornais que circulavam na época e fotos de acervos pessoais, foi realizada uma descrição do início da história da ginástica olímpica na capital paraense. Como resultados obteve-se a elucidação da evolução da ginástica acrobática para G.O; a identificação de seus primeiros participantes e a importância deles para a construção dessa história; e a importância da ESEFPA para o crescimento da mesma.

Palavras-chave: História. Ginástica Olímpica. História Oral.

PRÓLOGO

A ginástica olímpica G.O³ não fez parte da minha vida enquanto modalidade esportiva, que uma criança pode experimentar em sua infância, mas isso não impediu que esse esporte encantador marcasse e definisse minha vida acadêmica.

Meu encontro com a G.O foi no ano de 2000, ao assistir as olimpíadas de Sydney e aos 13 anos, idade considerada fora dos padrões para iniciar um treinamento; entretanto, movida pela enorme paixão que adquiri pelo esporte, ainda tentei iniciar uma vivência, mas, as obrigações escolares, a proximidade com o vestibular; minha falta de habilidade, e pelas limitações do meu corpo, saí das aulas de G.O.

Apesar do começo um pouco frustrante, percebi que, de alguma forma, a Ginástica Olímpica fazia parte de mim e por isso teria que descobrir uma maneira de inserí-la na minha vida. Foi nesse momento que decidi prestar vestibular para o Curso de Educação Física - CEDF da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Já na graduação, logo no primeiro semestre, deparei-me com a disciplina Fundamentos e Métodos da Ginástica e, entre outras formas de ginástica, estudávamos a G.O, e a disciplina Fundamentos Históricos da Educação Física do Esporte e do Lazer, que estuda a história da Educação Física, dos esportes e do lazer. Quando percebi que estudávamos a G.O nas duas disciplinas e não era abordada a história desse esporte, e

em Belém-PA, isso me inquietou e despertou meu interesse em pesquisar sobre o início dessa história em solo belenense.

Foi assim que descobri como poderia contribuir com a G.O e de alguma forma fazer parte dela, que seria contando um pouco do início dessa história através das inúmeras lembranças, relatadas com grande entusiasmo por aqueles que viveram essa modalidade. Essas recordações parecem vir, na maioria das vezes de uma parte da memória dessas pessoas onde estão as boas recordações.

Dessa maneira, para dar forma ao mosaico e escrever sobre o início da ginástica olímpica em solo paraense, recorri àqueles que construíram essa história e que poucas vezes foram questionados sobre a mesma. Também busquei informações através de documentos, fotos, súmulas, entre outros, espalhados pelos acervos de ex- técnicos e ex- praticantes do esporte, assim como em bibliotecas universitárias e públicas, como a Biblioteca Pública Arthur Vianna na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves CENTUR . Nesta, o único lugar que tinha um pouco sobre a ginástica olímpica em Belém era nos jornais antigos, dos quais folheei aproximadamente 96 edições em busca de informações.

Para melhor entendimento sobre o tema, seguiu-se uma linha de raciocínio do macro para o micro, do global para o regional, ou seja, abordou-se um pouco da história da ginástica no âmbito mundial, nacional e, por fim, regional. Na fase da narrativa regional deu-se o início da ginástica olímpica em Belém-PA. Para obter informações sobre essa parte da história, utilizei a metodologia da história oral temática, haja vista que esta história encontrava-se na memória daqueles que viveram essa modalidade em Belém do Pará.

Relatar esta pesquisa na área acadêmica é importante para que se possa dar continuidade ao registro da história da ginástica olímpica em nossa cidade. De outra forma, provavelmente não evoluiremos em pesquisas desta natureza, pois o próximo pesquisador que venha a se interessar pelo tema sempre terá que começar do princípio.

A problemática principal foi o seguinte questionamento: Como se configurou historicamente o início da Ginástica Olímpica em Belém- PA?

Essa pesquisa apresenta como objetivo geral contar, através da história oral, o início da Ginástica Olímpica na cidade de Belém- PA. Para chegar a tal objetivo, defini como objetivos específicos: sistematizar quais foram os primeiros movimentos para implantação da ginástica olímpica - G.O em Belém-PA; mapear e identificar os precursores – atletas e professores - da Ginástica Olímpica em Belém-PA.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Curso de Educação Física, localizado no Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará em, 17 de agosto de 2011.

AS RAÍZES DESSE ESPORTE BELO E MÁGICO:

A ginástica, ainda como prática corporal, já era praticada há milhares de anos pelos gregos, pois os mesmos perceberam, ainda nos primeiros jogos da antiguidade, 776 a.C., que os fundamentos ginásticos agregavam, aos seus praticantes, habilidades que poderiam ser utilizadas na preparação e melhora da aptidão física em outras modalidades (HAYHURST,1980).

A aptidão física e o culto ao corpo são bem característicos da antiguidade clássica, personificados pelas inúmeras estátuas em mármore com corpos mostrando músculos, pinturas em louças dos antigos gregos em suas olimpíadas, disputando lutas, ou arremessando pedras, encontrados por arqueólogos em escavações realizadas na cidade de Olímpia, séculos depois de inúmeras catástrofes naturais e guerras que deram fim aos jogos olímpicos antigos (LANCELLOTTI, 1996).

Ciente dessa paixão que os gregos tinham pelo esporte e pelo bem-estar físico, não é de se espantar que, mesmo de forma arcaica, na qual o salto era realizado literalmente sobre touros, a ginástica tenha germinado dentro da cultura grega.

Segundo Bonorino (1931, *apud* FIORIN, 2002), na Grécia antiga, existiam duas divisões da ginástica, sendo uma a orquestrica, na qual era abordada a formação cultural e moral dos jovens, atitudes por meio de gestos, música, caráter, dignidade do cidadão, danças rítmicas e a outra, a paléstrica, em que se enfatizava o preparo de atletas para os jogos públicos, diversas modalidades de exercícios físicos que eram realizados nos ginásios.

Corroborando com o que foi escrito até aqui, Marrrou (1969 *apud* FIGUEIREDO; HUNGER, 2010, p. 193), em um pequeno trecho de seu livro, aponta a importância das Ginásticas – aqui no sentido de atividades físicas em geral - na Antiguidade grega:

A ginástica permanece o elemento, senão preponderante, pelo menos característico da formação do jovem grego, o gosto pelos desportos atléticos e pela sua prática como na época arcaica, um dos traços dominantes da vida grega.

Infelizmente, com a queda do império grego e, posteriormente com isso, o início da era medieval, época em as crenças arraigadas nesse período histórico pregavam que o corpo era pecador e por isso manteve-se adormecido o valor dado ao corpo físico, por consequência, a ginástica já não fosse algo bem-vindo e, se caso era praticado,

provavelmente era realizado em vilarejos distantes, longe dos olhares da igreja, ou por nixos específicos dentro daquela sociedade.

Sabemos que nenhum momento histórico se encerra e logo no dia seguinte se inicia outro. Muito pelo contrário, os pensamentos, crenças e claro, pessoas, vão se modificando aos poucos até que a sociedade ou grande parte dela esteja nos moldes do novo período histórico. Obviamente isso aconteceu com as atividades físicas que, depois com as necessidades da sociedade, foram se configurando em exercícios físicos cada vez mais sistematizados e diferenciados para atender às diversas individualidades que existem na convivência social. A partir dessas individualidades foram sendo criadas diversas formas de se exercitar e muitas delas evoluíram de tal maneira que viraram esportes, como é o caso da ginástica olímpica.

Nesse sentido, faço uso das palavras de Fiorin (2002, p.32), para iniciar e apoiar minha escolha em retratar a Escola alemã nesse trabalho, como horizonte para contar brevemente a gênese da história da ginástica olímpica em âmbito mundial.

Nas ginásticas de Competição, cada modalidade teve seu caminho diferenciado principalmente a partir das sistematizações criadas nas escolas Alemã, Sueca e Francesa. A gênese da Ginástica Artística pode ser encontrada na escola Alemã quando Jahn, para criar obstáculos para os seus exercícios, constrói aparelhos específicos que mais tarde dariam origem aos modernos de competição nesta modalidade.

Em 1811 Jahn fundou uma escola de ginástica ou *turnplatz* – local de Ginástica-ao ar livre, na floresta de *Hasenheide*, “e assim começou ao ar livre e publicamente a execução de exercícios ginásticos em comum pelos jovens, aos quais denominamos *turnkunst* – arte ginástica”. (JAHN, 1816, *apud* PÚBLIO, 2002, p. 40).

Acreditamos que os exercícios e aparelhos criados por Jahn sejam a origem da Ginástica Olímpica que conhecemos atualmente. Dizemos isso após a leitura e releitura feita muitas vezes até a exaustão de algumas obras e, principalmente, da obra de Nestor Soares Públio – *Evolução Histórica da Ginástica Olímpica* (2002), que nos permite viajar no tempo ao trazer fotografias e trechos de noticiários publicados pelo *Die Berliner Hasenheide* – Folha da Manhã (jornal alemão), sobre os *turnplatz* de Jahn, sendo o primeiro *turnplatz* datado de 1811 a 1812, já pequeno para os planos e adeptos dessa nova forma de se exercitar que, crescendo de maneira tal, foi preciso encontrar um novo local para se praticar a atividade, que ficou conhecido como segundo *turnplatz* 1812-1819/20 (PÚBLIO, 2002).

Apesar do crescente interesse da juventude alemã em frequentar os *turnplatz* e da Alemanha ter vencido a “Guerra de Libertação” contra as tropas napoleônicas em 1813, com a ajuda maciça dos *turner*-ginastas que se uniram às forças armadas na luta contra Napoleão e expulsaram os franceses de suas terras- as autoridades alemãs, temendo rebeliões encabeçadas por Jahn, e a difusão de doutrinas liberais por meio do *turnen*, condenaram a prática da ginástica e proibiram as sociedades ginásticas, sendo outubro de 1818 o último mês no qual foi permitida a prática da ginástica sem se temer represálias dos governantes (BETTI, 1991; PÚBLIO, 2005).

O período de proibição do *turnen* se deu de 1820 a 1842 e ficou conhecido como “Bloqueio ginástico”. “A *turnplatz* foi fechada, toda terminação contendo o radical *turn* – ginástica em alemão- foi proibida pela censura. Era preciso dizer: *Leibesübungen* (exercícios físicos) ou *gymnastik* (ginástica)” (PÚBLIO, 2002 p.45). Apesar de tantas proibições, a prática da ginástica já era algo arraigado na nação alemã e, principalmente, no jovem alemão. Nesse período, várias sociedades foram criadas para que se mantivessem vivos os ensinamentos de Jahn, estas logo se tornaram federações. E, dessa forma, embora de maneira forçada, a ginástica na Alemanha teve que se moldar ao seu atual contexto.

Muitas dessas mudanças e adaptações foram encabeçadas por Eiselen, um dos discípulos de Jahn que, compreendendo a atual situação da ginástica em seu país, “transfere” os exercícios e aparelhos antes feitos a céu aberto para ambientes fechados e procurando incitar o surgimento de mais adeptos em tempos de crise, estimulando assim a ginástica para as moças (PÚBLIO, 2002).

Sobre isso, podemos dizer que para quem viveu aquele contexto de proibição dos sistemas de Jahn, após anos tendo os *turnplatz* nos campos de Hasenheide para se exercitar, certamente viu um momento marcado por crises, porém provavelmente de reorganizações que culminaram nas alterações necessárias para que a ginástica se configurasse de fato nos moldes bem próximos da Ginástica Olímpica atual.

A GINÁSTICA OLÍMPICA CHEGA AO BRASIL:

Em virtude do “Bloqueio Ginástico”, vários cidadãos/ginastas deixam sua terra natal em busca de liberdade para a prática da ginástica. Acreditamos que muitos também emigraram em busca de novas oportunidades de trabalho e a possibilidade de melhor perspectiva de vida, principalmente aqueles que imigraram para países como o Brasil.

Compactuando com isso, temos a citação de Karastojanov (1999 *apud* FIORIN, 2002, p. 38) sobre os imigrantes alemães em Campinas - SP,

Em 1873 havia, pelo menos uma cervejaria, uma fábrica de chapéus e um armazém de propriedade de alemães, além de indústrias, estabelecimentos comerciais, serrarias e grande número de oficinas de artesãos.

Apesar de a citação relatar a situação da sociedade alemã na cidade Campinas em 1873, a presença de imigrantes nessa cidade data desde 1846. A colonização alemã no Brasil data de 1824, quando já tínhamos transatlânticos vindos da Alemanha, atracando às margens do rio dos Sinos, em Porto Alegre, para fundar a Colônia de São Leopoldo, além da de Joinville em 1851; essa também, de grande importância para a história da ginástica no Brasil (FIORIN, 2002; PÚBLIO, 2002).

As colonizações alemãs que deram início às práticas da ginástica no Brasil, de maneira mais contundente, são as colônias de Joinville em Santa Catarina, que originou, em 1858, a Sociedade Ginástica de Joinville, a mais antiga da América do Sul; a localizada em Porto Alegre que, em 1866, se reúne e cria a “Sociedade de Ginástica” e, por fim, a colônia de Campinas que, em 1904, inaugura o Clube “Turner Gruppe” (FIORIN, 2002; PÚBLIO, 2002).

Com apenas aproximadamente sete anos da chegada de colonizadores de origem alemã em Joinville, os ensinamentos de Jahn já eram difundidos nessa cidade. Como nos afirma Públio (2002 p.177), “Soerguer a forma moral, conservar e aprimorar a força física da juventude e, ao mesmo tempo cultivar uma harmonia social, junto com uma recreação útil.”

Ainda sobre a fundação de sociedades de ginástica, no início da década de 1860, do século XX, em Porto Alegre, artesãos e comerciantes de origem alemã começam a praticar ginástica e, somente seis anos depois, em 1866, que teríamos a fundação oficial e noticiada em 02 de janeiro de 1867, com grande pompa pelo “*Deutsche Zeitung*” de Porto Alegre, citado por Públio (2002 p. 176)

Salve! A Sociedade Ginástica Porto Alegre foi, finalmente fundada. Graças aos incansáveis esforços de alguns ginastas apaixonados, foi possível enriquecer nossa cidade com essa sociedade, certamente a mais útil daquelas aqui existentes. [...] Porto Alegre foi o início, e sua Sociedade Ginástica haverá de crescer com brio, alegria, devoção e espontaneidade, para o bem e felicidade de todos, incentivando os alemães de outras localidades a seguir seu exemplo.

Podemos perceber até aqui, principalmente pelo discurso eloquente escrito para anunciar a Sociedade Ginástica, em Porto Alegre, que para os alemães era imprescindível que os mesmos se mantivessem reunidos, tanto para enfrentar as adversidades de uma nova terra, quanto para que seus próprios costumes e práticas não se perdessem. Sobre isso, Fiorin (2002, p. 53), ao fazer a análise de algumas figuras contidas em seu trabalho, discorre sobre o que aconteceu em Campinas – SP, da seguinte maneira

Tais figuras são carregadas de uma ideologia e de uma linguagem muito sutil que vai confirmar os motivos que levaram os alemães a se fecharem, a princípio, em um grupo próprio, mantendo seus valores e suas tradições. A pirâmide é um símbolo de força, de afirmação e mais do que isso, ela proporciona que todos possam se sentir fortes, juntos na criação de uma coisa em comum. Saber que é possível contar com o outro, diga-se de passagem, em qualquer outra situação fora da pirâmide, é motivo de conforto para todos estes que estavam longe de sua terra natal, na busca de uma nova vida.

Acreditamos que tais características tenham sido fundamentais para que a ginástica se firmasse em solo brasileiro, já que esta, mais que uma atividade física, significava para os alemães mantê-la viva e, claro, disseminar parte de sua cultura. Com esse pensamento, vários clubes e sociedades foram sendo criados durante as décadas que se passaram e, assim, a ginástica, com os princípios de Jahn, se firmou cada vez mais no Brasil.

O PASSO A PASSO PARA CONTAR UMA “NOVA” PARTE DESSA HISTÓRIA: METODOLOGIA

O que é história oral? É um método? Uma disciplina? Um tema novo? Na minha opinião, é uma abordagem muito mais ampla: é a interpretação da história, das sociedades e das culturas, por meio da escuta e do registro da história de vida. E a habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. (THOMPSON, 2006. p. 20)

Essa é uma pesquisa histórica, pois narra o passado, e faz uso da pesquisa de campo na medida em que se alicerçou em entrevistas realizadas com pessoas ligadas diretamente com a história do início da G.O em Belém – PA como ex-treinadores e ex-atletas. Para atingir os objetivos propostos neste estudo, utilizei como metodologia de pesquisa a história oral, que nos permite recontar um determinado acontecimento, uma história, através de entrevista. Para melhor compreendermos o que é história oral, lanço mão da definição feita por Paul Thompson (1992 p.44)

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história

Pereira de Queiroz (1988, p.08) nos define história oral como

[...] termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação, se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de varias formas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade.

Em ambas as definições, podemos observar claramente que o centro dessa metodologia são aqueles que, antes ignorados por outras formas de pesquisas, agora têm voz. E se não fosse a história oral, de que outra forma o início da história da ginástica olímpica poderia ser contado, se dessa história fazem parte professores, alunos, que viraram atletas, que viraram professores? Provavelmente seria mais uma história esquecida como deve ter acontecido com muitas outras das quais não participaram de seu desfecho grandes autoridades, ou pessoas vistas como importantes ao ponto de serem investigadas pela história tradicional.

É justamente nessa perspectiva que a história oral surge, ou melhor, é utilizada tanto na educação física como em outra área do conhecimento, para dar voz e colher relatos e, a partir disso, escrever coisas nunca antes escritas, reescrever algumas partes da história e preencher lacunas deixadas pela história oficial.

A história oral comporta três tipos de abordagens, a saber: história oral de vida, temática e tradição oral. Nessa pesquisa utilizei a abordagem história temática definida por Freitas (2006,p.21)

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento - não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em

maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.

Para a coleta dos relatos orais utilizei entrevistas semi-estruturadas que, de acordo com Triviños (1987 p. 145-146),

É um dos principais meios que tem o investigador para realizar a Coleta de dados. Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados, em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Optei por esse tipo de entrevista, pois esta não limita as lembranças por parte do entrevistado, nem os questionamentos por parte do entrevistador que possa surgir no decorrer da entrevista.

A coleta dos relatos orais foi igual para todos os três entrevistados e iniciou com um contato telefônico que esclarecia o motivo do mesmo e explicava brevemente sobre a pesquisa. Em seguida, o entrevistado informava o melhor dia e o local para que nos encontrássemos. No dia e local marcado, explicava detalhadamente os objetivos da pesquisa e a importância do relato oral que estava buscando para a mesma.

Levava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE, a Carta de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral e a entrega de uma cópia do projeto de pesquisa do trabalho. Caso este aceitasse ser colaborador da pesquisa, o mesmo assinava o TCLE e a Carta de Cessão e iniciávamos os relatos baseados nas seguintes perguntas: Quando e como se iniciou sua aproximação com a G.O? Quais suas memórias relativas a□ chegada da G.O em solo paraense? No seu ponto de vista, qual sua contribuição para trajetória da G.O em Belém-PA? A partir do quê ou de quem a Ginástica Olímpica chegou em Belém – PA? Em que década tiveram início os primeiros movimentos da Ginástica Olímpica em Belém- PA? Quem foram os primeiros a se apropriarem dessa modalidade e disseminá-la em solo belenense? Quando a Ginástica Olímpica ganhou ar competitivo? Quem ou quais foram os primeiros técnicos? Quem fazia parte da primeira equipe masculina?.

Transcrevi as entrevistas e essas foram devolvidas aos entrevistados para que os mesmos pudessem examinar e conferir se aquilo que eles queriam expressar foi transcrito de maneira adequada.

Com posse das entrevistas também foi possível o acesso a documentações, como: certificados, fotografias, entre outros documentos dispersos nos acervos pessoais dos informantes e/ou de instituições. Essa perspectiva de colaboração entre fontes coletadas é importantíssima. Sobre isso, Campos *et all* (1998 p.16) nos esclarecem que, “a diversidade de fontes compreendendo documentos escritos, relatos orais, imagens, torna-se fundamental, especialmente pela riqueza que a complementaridade entre as mesmas permite”.

Após devolução das transcrições das entrevistas pelos entrevistados, dei início à análise das mesmas, tendo em vista que, segundo Meihy e Holanda (2007, p.131),

Isoladas, as entrevistas não falam por si, logicamente. alinhá-las, contudo, é um procedimento capaz de sugerir, mais do que a condução do projeto, possíveis análises. Sozinhas, também as entrevistas não se sustentam enquanto história oral; seriam apenas textos estabelecidos. A dimensão social é feita na medida em que são indicados os pontos de intercessão das diversas entrevistas.

A análise dos dados foi realizada de acordo com o pressuposto pela história oral. Sendo assim, identifiquei os pontos de convergências e divergências entre as entrevistas, o que indica a verossimilhança de uma e/ou de outra, e também pontos de vistas diferentes, enriquecendo ainda mais os resultados.

A GINÁSTICA ACROBÁTICA: É LANÇADA A PRIMEIRA SEMENTE DA G.O, EM BELÉM- PA

Para narrar a história do início da G.O, em solo belenense, teremos que voltar um pouco mais no tempo e falar sobre alguns paraenses que foram estudar na cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1960, com o intuito de voltar à capital paraense e fundar uma Escola Superior de Educação Física.

Esse sonho de fundar uma Escola Superior de Educação Física, era liderado por Nagib Coelho Matni. Em 1945, este, então Major reformado da Polícia Militar, foi convidado por um Oficial do exército do Rio de Janeiro para cursar Educação Física ou na Escola do Exército ou na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil. Apesar de ser militar, Nagib optou por estudar na Universidade do Brasil. Quando voltou a Belém, já como professor de Educação Física, Nagib começou a ministrar aulas no Colégio Visconde de Souza Franco e, na década de 1950, foi um dos

criadores dos Jogos Ginásios Colegiais JOPAGICOS – Jogos esses que tiveram grande influência para a G.O no Pará, como veremos no decorrer desse trabalho.

Em meados da década de 1950, Nagib Matni foi nomeado diretor do antigo Departamento de Educação Física Recreação e Esporte DEFRE. Agora, à frente de um órgão público, Nabig pôde trazer professores de fora para ministrarem cursos, justamente para desenvolver a Educação Física no Estado.

Apesar de todos esses esforços, Nagib Matni sabia que, para criar uma Escola Superior de Educação Física, seria preciso professores com uma formação mais aprofundada. Para isso, entrou em contato com a Universidade do Brasil por intermédio do Secretário de Educação e, com a ajuda do governo paraense, enviou para o Rio de Janeiro, em 1961, os dois primeiros candidatos bolsistas para estudar Educação Física na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, com o dever de se formarem e voltarem para a capital paraense, afim de ajudarem a fundar a Escola Superior de Educação Física do Pará. Os dois primeiros bolsistas foram a professora Sônia Mártires e o professor Raimundo Nonato de Azevedo. Ambos não voltaram para Belém após o término do curso, o que causou a suspensão das bolsas por meio do governo do Estado.

Após muita conversa, Nagib conseguiu que a bolsa fosse reimplantada em 1963 e foram enviadas mais duas bolsistas para estudarem no Rio de Janeiro, sendo essas a professora Iracema Rayol Aranha e a professora Vera Nazaré Cardoso de Souza. Como essas duas bolsistas, diferente dos anteriores, retornaram a Belém, em 1964, mais dois bolsistas, o professor Armando Von Grap e a professora Eni do Perpetuo Socorro Corrêa. No ano de 1965 foram mais dois bolsistas, Alberto Duarte de Oliveira e Murcia Graça Mártires, os quais voltaram para Belém e também foram um dos primeiros professores da ESEFPA..

Este pequeno histórico acima é importante, pois foi através da ida desses bolsistas para o Rio de Janeiro, para estudarem Educação Física, que se inicia a história da G.O em Belém já que, como estudantes de Educação Física, estes tiveram contato com a disciplina Ginástica de Aparelhos – antigo nome dado a G.O.

Sobre isso, Armando Von Grap nos conta

[...] durante o meu curso na Escola de Educação física do Rio de Janeiro, nós tínhamos a ginástica de aparelhos, hoje o que vocês chamam de ginástica olímpica, então nós trabalhávamos apenas para ter a noção, porque não tinha o objetivo nenhum de nos transformar em atletas, era um tipo de atividade muito difícil, que exigia uma coordenação muito forte, muita força de vontade.

Dentre os alunos paraenses, dois se interessaram de maneira mais aprofundada pela ginástica, os professores Armando Von Grap e Alberto Oliveira e, de posse desse conhecimento, vinham ministrar cursos para a comunidade nos períodos de férias da Universidade do Brasil a pedido do professor Nagib Matni. Esses cursos duravam de 30 dias a no máximo 2 meses e tinham uma procura muito grande pelos interessados em Educação Física, e foi nesses cursos que tiveram início as primeiras aproximações da G.O em Belém.

Chamarei de primeiras aproximações da G.O porque nessa época o que era desenvolvido por esses professores durante esses cursos a era base dos elementos da ginástica como: rolamento, pontes, salto de peixes, salto de peixe sobre o plinto, salto mortal e, como não se utilizavam de nenhum aparelho, apenas faziam acrobacias no chão; por esse motivo, ficou conhecida primeiramente como ginástica acrobática.

[...] essa ginástica acrobática que nós fazíamos era uma “pré” ginástica olímpica, era o início, era a coisa mais verde que existia porque, o nosso estado era totalmente isento desse tipo de ginástica, o povo nem conhecia. (Armando Von Grap)

É importante ressaltar que esses cursos eram encerrados de maneira festiva em grandes campos abertos com demonstração das habilidades adquiridas durante o curso, e contavam com apresentações de ginástica calistênica com halteres, maçãs, cordas; recreação; dança; e ginástica acrobática. Assim, devido a presença de professores da rede pública e da exposição que essas festas proporcionavam, a ginástica foi sendo introduzida em algumas escolas de Belém.

Como já tinha sido lançada a semente da G.O, quando o professor Von Grap voltou para Belém não foi tão difícil continuar a desenvolver a base da G.O durante as suas aulas de Educação Física no Colégio Magalhães Barata. Dessas aulas eram escolhidos os melhores alunos para fazerem demonstração da ginástica acrobática nas aberturas dos Jogos Paraenses Ginásios Colegiais, não apenas os alunos do Magalhães Barata, mas cada professor que desenvolvia a ginástica em seus colégios escolhia seus melhores alunos e ensaiavam com eles essas apresentações. As aberturas desses Jogos eram grandes festividades realizadas em campos abertos, no período da Semana da Pátria e era contemplado por um grande público. Sobre esses momentos, as nossas fontes nos compartilham as seguintes memórias:

[...] eu participava das acrobacias com o professor Armando Von Grap que foi ele o mentor do corpo em movimento, da acrobacia, da ginástica, na época tudo quanto era abertura de jogos, passar por

dentro da roda de fogo com trampolim, colocar seis caixas e ficar rufando tambor <tá ta ra ra ta ta> no campo do Remo e da Tuna e a gente... Um dia que me lembra muito é o 07 de Setembro, toda vez nos desfilávamos fazendo acrobacias todos com roupa de ginástica e tudo.(João Pessoa).

Quando chegava a abertura dos Jogos Paraense Ginásios Colegiais nós fazíamos uma festividade nos campos. Pegávamos todos os alunos, de vários colégios com seus professores e iam fazer a demonstração de ginástica no campo, era a abertura dos Jogos. E, o meu colégio, era sempre encarregado da ginástica acrobática. (Armando Von Grap)

Não podemos nos esquecer o momento histórico que o Brasil vivia para contextualizarmos a importância dada a esses festejos, da Semana da Pátria e de abertura dos JOPAGICOS, tanto por parte da mídia, como pela paixão com que os alunos participavam dos mesmos. Estamos aproximadamente em 1966 e há apenas dois anos o Brasil sofreu o Golpe Militar de 1964, ou seja, era de interesse do poder que aflorasse e crescesse o amor à pátria pelos seus cidadãos, principalmente pelas crianças e adolescentes em processo de desenvolvimento social e político, não apenas para gerar novos brasileiros cada vez mais patrióticos, mas para alicerçar esse novo poder que agora governava o Brasil, visto que nessas ocasiões que desfilavam inúmeros militares e estes também eram homenageados durante os desfiles dos colégios e grupos escolares, além do intuito de desviar, através dos esportes, os problemas pelos quais o Brasil estava passando.

Sendo assim, esses festejos cívicos, esportivos e escolares eram divulgados com grande entusiasmo pela mídia local, que publicava as fotos destes na própria capa do jornal, e folhas inteiras no caderno destinado às informações esportivas e, por consequência, as demonstrações de ginástica realizadas também eram divulgadas com muita ênfase.

Destaca-se o seguinte trecho de uma reportagem do Jornal À Província do Pará, de 07 de setembro de 1966, que fala sobre a participação da ginástica nessa abertura dos JOPAGICOS para demonstrar como a ginástica era propagada pela imprensa.

Ao rufar dos tambores, alunos e alunas do “Augusto Meira” executaram números de ginástica acrobática. Pulando por cima de uma barreira que gradativamente ia sendo aumentada, até chegar a altura de meio metro, e depois rebolando por colchões, a demonstração de alunos, na maioria pequenos, e alunas do CEAM, atingiu o clímax quando, de dois em dois passavam por

um aro colocado em cima da barreira (Jornal À Província do Pará).

Provavelmente esses alunos, que se exibiam em apresentações como estas, nunca tinham visto de fato uma série de ginástica olímpica, mas foi a partir dessas demonstrações que a ginástica ficou conhecida e garantiu adeptos para essa prática que, posteriormente, ingressariam na Escola de Educação Física do Pará – ESEFPA, instituição essa que só seria inaugurada em 1969 e de fato funcionaria em junho de 1970.

A GINÁSTICA E A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO PARÁ- ESEFPA:

Com a inauguração da ESEFPA, o professor Armando von Grap e o professor Alberto Oliveira deixaram de dar aulas em colégios e se dedicaram exclusivamente para ministrar aulas na Escola Superior. Com isso, o trabalho que vinha sendo realizado nos colégios deu uma pausa. Olhando a primeira vista, a criação da ESEFPA pode parecer um retrocesso para G.O; no entanto, se pensarmos mais além, entenderemos que a partir desse momento vários e vários professores de Educação Física seriam formados e estes agora, em quantidades bem maiores, abrangeriam um maior número de colégios e assim disseminariam a prática da G.O.

Iniciadas as aulas na ESEFPA, o professor Osvaldo Magalhães passou a se destacar nas aulas da disciplina Ginástica de solo devido ao conhecimento apreendido por ele através dos circos que vinham se apresentar na cidade de Belém. Muitas vezes, sua habilidade superava a dos seus professores e isso garantiu para ele o encargo de formar um grupo para desenvolver a ginástica de solo, da qual faziam parte inicialmente três acadêmicos do primeiro ano da ESEFPA, sendo eles: o professor Osvaldo Magalhães, professor Manoel Liarte de Matos, professor Sérgio Franco e cinco alunos de colégios, Altair Cabral, Nilson Luis Vital Goes, Valdecir José Cunha Faria, Firmino e Valmir.

A equipe de ginástica de solo para apresentações foi se fortalecendo e, no ano de 1971, o professor Osvaldo Magalhães, indicado pelo professor Alberto Duarte Oliveira, foi chamado pelo antigo DEFRE, para formar uma equipe que representaria o Pará nos Jogos Estudantis Brasileiros - JEBS, que seria realizado em Belo Horizonte, no mesmo ano. Sobre o acontecido na competição as lembranças foram as seguintes:

[...] começamos a treinar e levei essa equipe para participar na parte de ginástica de solo em BH. Ficamos em terceiro lugar no Brasil todo, e um dos meus atletas que ficou entre os 10 melhores, seria premiado com uma viagem à Dinamarca, que

era o berço nessa época da ginástica de solo, mas esse sonho não se realizou, pois, com a briga da cortina de ferro nessa época não foi possível que o técnico dele, que era eu, nem ele participarmos desse evento. (Osvaldo Magalhães)

Em BH, inclusive um dos nossos ginastas tirou zero, ele foi o único que tirou zero e a partir daí foi um marco interessante que foi proibidor dar zero para qualquer participante a partir dele. (João Pessoa)

Ainda no ano de 1971, foi realizada uma apresentação que seria, de certa forma, um marco para o que viria a ser a ginástica olímpica em Belém.

O GRANDE ESPETÁCULO E A IDA PARA SANTA MARIA: NASCEM OS PRIMEIROS FRUTOS.

Quando a equipe de ginástica voltou de Belo Horizonte, realizou uma apresentação para um público, em que se encontrava, entre os presentes, o Ministro da Educação, Sr. Jarbas Passarinho e o Secretário de Educação do Estado, Sr. Gelmirez de Melo e Silva, que se encantaram com a performance apresentada pelo grupo de ginástica, e prometeram que eles fariam um estágio na melhor escola de ginástica olímpica do Brasil.

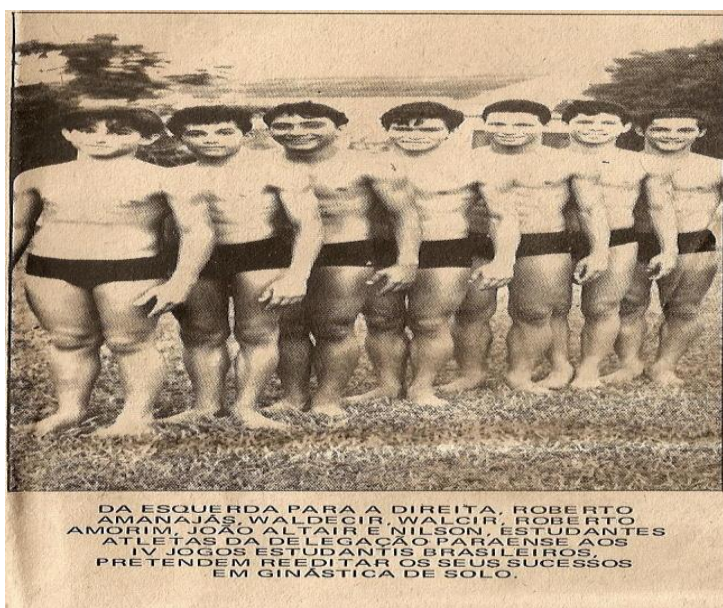
A ginástica Olímpica chegou em Belém a partir do momento que em uma apresentação de acrobacias, não era ainda ginástica olímpica no estádio da Tuna Luso Brasileira na época do projeto MINERVA, onde o ministro da Educação era o Sr. Excelentíssimo Jarbas Passarinho ele assistiu essa apresentação e ficou tão entusiasmado que ele disse que a partir daquele dia ele ia oferecer para essa equipe o melhor local do Brasil onde tivesse ginástica olímpica. (João Pessoa)

O professor Osvaldo Magalhães, que conduziu a equipe paraense de ginástica de solo ao JEPS de 1971, havia entrado em contato durante esse campeonato com o árbitro, Sr. Enrique Rapesta, para indagar qual seria a possibilidade da Equipe paraense realizar um estágio de G.O no Rio Grande do Sul (RS), já que esse estado dispunha de um acervo muito superior ao do Pará, no que se referia a modalidade. Assim, quando as autoridades, encantadas com a apresentação que viram, resolveram investir na G.O, mesmo que de maneira isolada, o contato inicial já havia sido feito e ai foi questão de tempo até que a equipe de ginástica de solo fosse para Santa Maria.

Para a Universidade Federal de Santa Maria foram os seguintes ginastas: João “Borracha” Pessoa, Nilson Luis Vital Goes, Roberto Amanajas, Valdecir José Cunha Faria, Valcir Goes, Roberto Amorin de Menezes, Altair Porto Cabral (fig 1), e fizeram

um estágio de 60 dias com o professor Aluísio Otávio Dávila Vargas, que na época já era uma pessoa de renome nacional e com experiência internacional. Este já tinha ido à Colônia na Alemanha, um dos locais de maior prestígio dentro da G.O. Nesse curso foi desenvolvida a base da ginástica olímpica em todos os aparelhos.

A partir da nossa volta que nós nos definimos assim, como ginastas de ginástica olímpica. Até então era acrobática, que era uma influência do Von Grap. Foi aí que no Estado o Osvaldo assumiu como professor de ginástica olímpica e nós ficamos junto com ele no DEFID dando aula. (João Pessoa)



Fonte do acervo pessoal da fonte oral B (fig1)

A ida desta equipe para esse curso em Santa Maria é colocada por nossas fontes como um marco dentro da história da ginástica olímpica, pois foi a partir desse estágio que se configurou de fato a ginástica olímpica em Belém. E depois de pouco tempo os frutos de todo o esforço desses ginastas já podia ser visto através de resultados positivos nos JEB'S do ano seguinte em Maceió- AL, agora como uma equipe de ginástica Olímpica que conseguiu ficar em terceiro lugar por equipes.

Com a conquista de resultados e a vinda de professores de outros estados para realizarem cursos, a ginástica começou a se desenvolver no estado e na região Norte. Prova disso foi a realização do primeiro Campeonato Norte e Nordeste de Ginástica Olímpica. Mas a G.O, após a morte de Gelmirez de Melo e Silva, considerado pelos que viviam a ginástica como uma espécie de “padrinho”, teve seu crescimento freado pela falta de incentivo por parte dos órgãos cabíveis – “O pessoal fala muito em programa disso e daquilo, mas quando chega na hora de dinheiro na mão, é vendaval, literalmente,

até hoje ainda é assim.” (Osvaldo Magalhães) - tanto o que se refere a patrocínio para viagens, hospedagem para que a G.O pudesse representar o Pará em competições, quanto o mais básico, que era um local estruturado para a realização dos treinos- espaço que até hoje os treinadores não dispõem [...] “a minha ambição de evoluir batia na questão estrutural, batia na questão administrativa, batia na questão de apoio mesmo de município, de prefeitura de governo, pois que era muito difícil investimento nesse sentido” [...] (João Pessoa).

Apesar da falta de incentivo, a G.O continuou sendo desenvolvida e, durante os anos que se seguiram, vários atletas foram sendo formados, e alguns seguiram nessa carreira e fizeram o curso de Educação Física para dar continuidade ao avanço da G.O; entre eles, o professor João Pessoa de Andrade Figueira Filho, Ulisses pereira, Roberto Osvaldo, Osvaldo Júnior, entre outros que se formaram pela ESEFPA e caminharam com a G.O no Pará. Mas essa já é história para ser contada em outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou a gênese da G.O em Belém do Pará, tomando como fonte principal as memórias daqueles que fizeram parte desta história e muito tinham para nos contar.

A G.O se desenvolveu em solo paraense a passos curtos; primeiro, através dos cursos que eram ministrados pelos paraenses que cursavam Educação Física na Universidade do Brasil; depois, sua prática foi iniciada em alguns colégios na cidade e tinha o seu auge na época da Semana da Pátria, momento em que se realizava a abertura dos Jogos Paraenses Ginásios Colegiais e a ginástica podia ser vista por centenas de pessoas. Posso dizer que esse tenha sido o primeiro momento da G.O em Belém, praticado na sua maneira mais simples e, por isso, na época habituou-se chama-la de ginástica acrobática.

O segundo momento dessa história começa com o funcionamento da Escola Superior de Educação Física do Pará quando se forma a 1ª equipe de ginástica de solo que representaria o Pará em competições em âmbito nacional e se tornaria mais tarde a primeira equipe de G.O em si. Essa evolução ocorreu devido primordialmente a dois fatores: ida desses ginastas ao Rio Grande do Sul para participarem de um estágio com um dos melhores treinadores da época e, claro, a força de vontade e a paixão que esses ginastas e seu técnico tinham em crescer na ginástica. Devido aos insipientes investimentos relatados durante as entrevistas pelos nossos colaboradores, realizados na G.O para que essa tivesse condições de alcançar níveis de competições tops como

mundiais e olimpíadas, ou que pudesse se tornar um esporte popular, praticado por um número cada vez maior de crianças e jovens dentro de suas escolas, pois acredita-se que esse era o principal desejo daqueles que iniciaram o desenvolvimento da ginástica acrobática em meados da década de 1960 e, posteriormente, da G.O em meados da década de 1970.

Apesar da tristeza encontrada em alguns momentos nas falas dos colaboradores a respeito do não crescimento da G.O, no que se refere a bons resultados em competições e a não massificação desse esporte, principalmente por serem situações que fugiam do controle dos mesmos, esses se sentem muito felizes pela contribuição que deram para a história da G.O no Estado do Pará. Muito ainda tem de ser pesquisado, sistematizado, documentado e publicizado sobre a história da G.O em Belém, por isso, é claro que essa pesquisa não tem um fim em si; é apenas um começo.

Notas:

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil.

² Professora do Departamento de Artes Corporais das disciplinas Fundamentos Históricos da Educação Física do Esporte e Lazer e Fundamentos e Métodos da Ginástica da Universidade do Estado do Pará, UEPA, Belém, PA, Brasil

³ A Ginástica Olímpica –G.O, também conhecida internacionalmente pelo nome de Ginástica Artística e, antigamente, como Ginástica de Aparelhos, é uma modalidade esportiva olímpica praticada atualmente por homens e mulheres e reserva diferenças para cada gênero. Para os homens são destinados seis (06) aparelhos, sendo eles: as argolas, a barra fixa, a barra paralela, cavalo com alças, exercícios de solo sem acompanhamento musical e salto sobre a mesa. Para as mulheres são reservados quatro (04) aparelhos: a trave de equilíbrio, a paralela assimétrica, exercícios de solo com acompanhamento musical e salto sobre a mesa (RUSSELL; KINSMAN, 1986 *apud* NUNOMURA, 1998).

HISTORY AND MEMORY OF OLYMPIC GYMNASTICS IN BELÉM-PA: a look at oral history

Abstract

This study is a research field, because it was based on interviews using the methodology of oral history theme. The purpose was to narrate the beginning of Gymnastics in the city of Belém-PA, and so we need to know which moves to the first deployment of gymnastics - GO-PA in Belém and to identify the precursors - athletes and teachers -

the gymnastics in Belém- PA. We interviewed three people they are a former professor at the School of Physical Education Pará-ESEFPA, a former athlete of the first gymnastics team and coach of the first kind in the state. Through oral sources and the dialogue with these newspapers circulating at the time and personal collections of photos was made a narrative of the early history of gymnastics in the state capital. Keywords: History, Memory; Gymnastics; Oral History.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, M. C; DEMARTINI, Z. B; LANG,B. S. **História Oral e Pesquisa Sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanistas publicações FFLCH/USP,1998.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

FIGUEIREDO, J. F; HUNGER, D. A.C. M. A Relevância do conhecimento histórico das Ginásticas na Formação e Atuação do Profissional de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.189-198, jan./mar. 2010.

FIORIN, C.M. **A ginástica em Campinas**: suas formas de expressão da década de 20 a década de 70. (Dissertação de Mestrado) Unicamp: Campinas, 2002.

FREITAS, S. M. **História Oral**: procedimentos e possibilidades. 2ª Ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

HAYHURST. B. **Gimnasia Artística**. Barcelona: Parramón, 1983.

LANCELLOTTI, S. **Olimpíada 100 anos**: história completa dos jogos. São Paulo: Círculo do Livro Ltda, 1996.

MEIHY,J.C.S.B; HOLANDA.F: **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NUNOMURA, M. Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica. **Motriz**, v.4 n.1 p. 65 -68, Jun. 1998.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I.P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível. In: SIMSON, O. M.V (Org) **Experimentos com história de Vida (Itália – Brasil)** . São Paulo: Edições Vértice, 1988.

_____. N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. 2ª. ed. São Paulo: Phorte, 2002.

PUBLIO, N. S. Origem da ginástica artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

THOMPSON. P. História de vida como patrimônio da humanidade. In: WORCMAN. K; PEREIRA, J. V. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006. p. 17-43

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo:Atlas, 1987.